

ARQUITETO POR NATUREZA

Com dezenas de premiações internacionais e projetos na Fazenda Boa Vista e na Quinta da Baroneza, Guilherme Torres já previa o futuro quando, moleque, gostava de passar a mão em paredes de tijolos

POR DÉCIO GALINA

Não é uma percepção muito comum para uma criança de 5 anos. Filho de um contador e de uma dona de casa, Guilherme Torres von Gödert nasceu em Cianorte (PR), lá ficou até os 15 anos de idade e lembra com detalhes de uma mudança de residência, que deveria ter sido uma experiência corriqueira – mas não foi. “Mudamos de endereço para uma casa bem menor”, conta Guilherme, hoje com 49 anos. Foi um choque. Afinal, as pistas iniciais de que a arquitetura faria parte de sua vida afloraram neste primeiro lar. “É muito interessante, pois eu gostava de brincar ‘com a casa’. Adorava perceber os revestimentos, os espaços, os desníveis.” Ele puxa da memória a lembrança de passar a mão na parede de tijolos e sentir prazer naquilo. “Quando olhei a casa nova, pensei: não vai caber nada aí dentro. Depois, não tinha vontade de brincar com a casa nova. Pelo contrário, ela me incomodava. Achava os materiais pesados, os interiores escuros.” Ao longo dos anos, o mal-estar virou tema de conversa com as tias, que passaram a comprar revistas de decoração para o menino. Ele cresceu pesquisando soluções e “fazendo projetos”, sem imaginar que dava os primeiros passos na profissão. “Sou um nerd, desde criança, e muito introspectivo. Lia muito, assistia

a muitos filmes no videocassete, e desenhava. Com 8 anos ganhei um videogame e descobri que era ótimo em jogos virtuais. Décadas mais tarde, tatuei no braço a tela do meu game predileto, o Space Invaders (hoje, ele tem 11 tatuagens)”.

Aos 12 anos, conseguiu estágio em um escritório de engenharia local. Aos 15, mudou para Curitiba (PR). Dois anos depois, fez as malas de novo, desta vez para cursar Arquitetura e Urbanismo na Unifil, em Londrina (PR) – mais tarde, cursaria Gestão na FGV, em São Paulo. Foi em Londrina que fundou, em 2001, o Studio Guilherme Torres, com um amplo leque de atuação moldada por estética contemporânea e princípios de sustentabilidade: arquitetura em diferentes escalas, design de interiores, identidade visual e cenografia, sempre procurando amarrar todas as ver-

tentes com a linha da originalidade. Em 2011, abriu o Studio em Pinheiros (SP), e, no último dia 17 de julho, inaugurou o segundo escritório na cidade, o Satellite, no 13º andar do Edifício Itália.

NIEMEYER E LE CORBUSIER

Entre as principais referências que norteiam sua arquitetura, Guilherme não titubeia: “Oscar Niemeyer (1907-2012) desde sempre, e Le Corbusier (1887-1965) é epítome. Na faculdade, conheci Villanova Artigas (1915-1985) e Paulo Mendes da Rocha (1928-2021). Sobre a surrada palavra “sustentabilidade”, o arquiteto (ou criador, como prefere ser chamado) diz que foi algo sempre natural para ele. “Venho do interior. Compreender a importância do que é produzido regionalmente e resignificá-lo é um traço permanente na minha forma de projetar. Hoje me dedico a pesquisar e propor tecnologias que sejam sustentáveis das estruturas aos acabamentos.”

Prova de tal dedicação ao tema é um dos mais de 50 prêmios internacionais que já recebeu. Em 2017, o Architecture Masterprize concedeu uma menção honrosa na categoria “Arquitetura Verde” para Guilherme pelo Ecomercado Palhano, um mercado de alimentos, em Londrina, com conceitos de iluminação e ventilação natural, ampla economia energética e uso racional da água. Quando fala de outros trabalhos emblemáticos da carreira, ele gosta de começar citando o Manguegroove, uma instalação artística, comissionada pela Swarovski, apresentada na Design Miami, em 2013. Ao enumerar as casas, sublinha a importância que teve o projeto Treehouse,

A residência Treehouse, em Curitiba (PR), foi premiada pelo Architecture Masterprize (2019). “Aplicamos soluções inéditas desde as estruturas, mistas de concreto e metal, a fechamentos leves, realizando uma obra de plasticidade única”, diz Guilherme (abaixo)

uma residência em Curitiba, na qual o cliente deu carta branca para explorar um terreno em uma reserva florestal (outro prêmio pelo Architecture Masterprize, em 2019). Na Fazenda Boa Vista, em Porto Feliz (SP), Guilherme assina duas casas, uma de 600 metros quadrados e outra de 900, a Jatobá House, obra de 2021, que este ano é o único projeto sul-americano entre os 17 que compõem a short list da categoria Completed Buildings: House and Villa (Rural/Coastal), no World Architecture Festival.

Em outro dos condomínios mais exclusivos do Brasil, a Quinta da Baroneza, em Bragança Paulista (SP), Guilherme está erguendo seu primeiro projeto, em um terreno de 10 mil metros quadrados. No quesito obras em andamento, destaque para o condomínio A Mata, em Trancoso (BA), de 18 casas, em uma área de 16 mil metros quadrados e um VGV (valor geral de vendas) de R\$ 600 milhões.

SAARA E DARTH VADER

Fonte de inspiração fundamental para todos seus projetos: viagens. São pelo menos duas grandes por ano. “Elas se refletem no meu trabalho, desde os conceitos até a paleta de cores. Estive no Saara, e trouxe as cores de lá comigo.” Ano passado, ficou marcado por outra experiência na África, no Egito, logo que as viagens internacionais voltaram.

Cinema é mais um assunto entre os favoritos. “Tinha 5 anos quando fui pela primeira vez ao cinema. Assisti ‘Star Wars’. A relação que tenho com o visual de ‘2001 – Uma odisseia no espaço’ também é muito importante. Aliás, por falar em [Stanley] Kubrick [1928-1999], se você quiser entender de design, está

tudo lá.” Guilherme vive com Bolt (cão da raça jack russell) e Ludo (gato da raça maine coon) e está sempre ouvindo música (“não consigo ficar um segundo sem”). Com 8 anos, ganhou uma vitrola, e o primeiro disco que comprou o atraiu pelo design da capa: Kraftwerk. Hobby adquirido aos 25 anos, quando sofreu um acidente, quase perdeu a perna e passou um ano em casa, sem andar, assistindo a diversos programas de receitas, culinária é “uma forma de viajar” para Guilherme. “Modéstia à parte, meu estrogonofe é perfeito.”

